



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

CLARA FERNANDES

**RELAÇÃO ENTRE SUPORTE FAMILIAR E ALUNOS COM BOM
DESEMPENHO ESCOLAR**

João Pessoa
2023

CLARA FERNANDES

RELAÇÃO ENTRE SUPORTE FAMILIAR E ALUNOS COM BOM
DESEMPENHO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado
sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Mônica de
Fátima Batista Correia para obtenção do
título de Bacharel em Psicologia pela
Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

João Pessoa

2023

**RELAÇÃO ENTRE SUPORTE FAMILIAR E ALUNOS COM BOM
DESEMPENHO ESCOLAR**

Clara Fernandes

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mônica de Fátima Batista Correia
(Orientadora)

Prof. Dr. Henrique Jorge Simões Bezerra
(Membro Interno)

Prof.^a Dr.^a Keilla Rebeka Simões Oliveira de Freitas
(Membro Externo)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me fortaleceu e me deu sabedoria durante todo o processo, me motivando e não permitindo que eu desistisse. Agradeço pelas bênçãos durante essa trajetória, me cercando de pessoas incríveis que foram essenciais para essa conquista.

Aos meus pais, Márcia e Nivison, por serem meus maiores incentivadores e terem me oferecido todo o suporte para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço por todo amor, paciência e conforto. Agradeço por serem minhas maiores referências e por todos os diálogos, me fazendo acreditar que posso me superar cada dia mais.

Aos meus irmãos, em especial meu irmão Nivison Filho, por sempre me acalantar nos momentos de desespero e por estar ao meu lado sendo mais um grande incentivador. Agradeço pela compreensão, pelo cuidado, pela empatia e pelo suporte.

Aos meus familiares, por todo o encorajamento. Às minhas avós Amara e Maria Ivanise por sempre olharem para mim com orgulho e me darem forças para prosseguir.

À Hilton, por todas as palavras de conforto, amor e coragem e por sempre estar ao meu lado. Agradeço pela paciência nos momentos de ansiedade e por me mostrar que os momentos podem ser levados com leveza e otimismo.

À minha psicóloga, que foi uma profissional essencial e excepcional durante todo esse processo, me auxiliando nos momentos de crise e me ajudando a superar minha ansiedade a cada dia.

À Djanete e Beatriz, minhas chefes e colegas que trabalho, que se tornaram uma segunda mãe e uma irmã pra mim, por me abraçarem e me incentivarem. Agradeço pela compreensão, amor, carinho e torcida que sempre tiveram por mim.

Aos meus amigos, da vida e da universidade, que tornaram minha trajetória universitária mais leve e foram parceiros excepcionais. Em especial à Andressa e Camilla, que além de grandes amigas, foram grandes ajudadoras durante toda minha trajetória universitária.

À Mônica Correia, minha orientadora e supervisora de estágio, responsável por fazer com que eu me apaixonasse pela Psicologia Educacional e por quem tenho grande admiração, por todo o apoio, didática e paciência. É uma honra trabalhar com uma profissional de tamanha expertise.

À Keilla Rebeka Simões, minha supervisora de estágio juntamente à Mônica, por todo aprendizado construído.

À Obama, meu cachorro, por ter ficado ao meu lado nos dias bons e ruins e pelas pausas e consolos cheios de amor e carinho durante as muitas horas dedicadas a este trabalho.

*“Como podemos, em nossas mentes
adultas, saber o que será interessante?
Se você seguir a criança... pode
descobrir algo novo...” - Jean Piaget*

RESUMO

O presente estudo buscou analisar a possibilidade de relações entre alunos que possuem bom desempenho escolar, considerando nota, comportamento e relações no contexto escolar, e a qualidade do suporte familiar. Dessa maneira, buscou-se levantar características do suporte familiar, bem como concepções, interações, acompanhamento escolar, posturas e engajamento nas aulas. Para isso, foi utilizada uma entrevista semiestruturada voltada para oito pais ou responsáveis dos alunos com bom desempenho escolar, sendo eles dos terceiro e quinto anos do Ensino Fundamental I, no contexto de duas escolas particulares e duas públicas de grande e médio porte da grande João Pessoa-PB. Para a análise dos dados, utilizou-se o método de categorização de conteúdo proposto por Bardin. Os resultados mostraram que houve um alinhamento das concepções de suporte familiar com a literatura presente, bem como o entendimento de sua importância para o desempenho escolar da criança. Observou-se, ainda, a importância da presença de um bom suporte familiar para o desempenho escolar, tornando-se um fator relevante na vida escolar da criança. Por fim, não houveram desvios significativos em relação ao bom suporte familiar oferecido pela maioria dos pais.

Palavras-chave: Suporte Familiar. Desempenho Escolar. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present study sought to analyze the possibility of relationships between students who perform well at school, considering grades, behavior and relationships in the school context, and the quality of family support. In this way, we sought to raise characteristics of family support, as well as conceptions, interactions, school follow-up, postures and engagement in classes. For this, one semi-structured interview was used for eight parents or guardians of students with good school performance, being them from the third and fifth years of Elementary School I, in the context of two private schools and two large and medium-sized public ones in greater João Pessoa-PB. For data analysis, the content categorization method proposed by Bardin was used. The results appreciated that there was an alignment of the conceptions of family support with the present literature, as well as the understanding of its importance for the child's school performance. It is also observed the importance of the presence of good family support for school performance, becoming a relevant factor in the child's school life. Finally, there were no deviations from the good family support offered by most parents.

Key words: Family Support. School Performance. Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Suporte familiar.....	12
1.2 Desempenho escolar.....	13
1.3 Objetivo geral e objetivos específicos.....	16
1.4 Justificativa.....	16
2. METODOLOGIA.....	17
2.1 Participantes.....	17
2.2 Instrumentos.....	18
2.3 Procedimentos de coleta de dados.....	18
2.4 Procedimento de análise de dados.....	19
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	19
Dimensão 1: Concepção de Suporte Familiar.....	20
Dimensão 2: Participação e acompanhamento escolar dos pais diante da rotina.....	21
Dimensão 3: Diálogo, regras e autonomia.....	26
Dimensão 4: Relação afetiva entre pais e filhos.....	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXO.....	37

1. INTRODUÇÃO

O indivíduo é formado a partir de diversas relações, sendo a família o primeiro e mais importante contato de convivência e socialização. Ademais, Oliveira e Senra (2020) colocam que a família é vista, do ponto de vista social, como a principal responsável por transmitir valores, crenças, ideias e significados que se apresentam na sociedade, além de demonstrar extrema relevância para o entendimento dos comportamentos apresentados por suas crianças. Essa relação da família com os filhos se torna, cada dia mais, uma pauta de discussão bastante pertinente, uma vez que a família começou a ser reconhecida como um contexto complexo que promove o desenvolvimento primário, a sobrevivência e a socialização da criança (Osti, 2016).

Isto é demonstrado a partir de estudo realizado por Batista, Ferreira e Ciqueira (2013), que aponta a família como responsável pela manutenção da integridade do indivíduo sendo o pilar da conduta da criança em suas interações. Tal estudo analisou a percepção das relações familiares nas dimensões afetividade, autonomia e adaptação entre membros da família de alunos considerados praticantes de atos de violência na escola. Em mais da metade dos participantes do estudo, todas as dimensões apresentaram pontuações que apontaram para níveis baixos de percepção de suporte familiar, respaldando a questão da influência da família sobre os comportamentos da criança.

Por conseguinte, no que se refere ao aspecto comportamental, Toni e Hecaveí (2014) colocam que a família recebe o destaque de ser o núcleo primário de desenvolvimento, sobrevivência e socialização, por ser o primeiro contexto a exercer controle sobre a criança, estabelecendo práticas educativas parentais, sendo elas as formas de educar, instruir, socializar e controlar o comportamento. Estudando a

correlação entre estilos parentais e desempenho acadêmico, esses autores identificaram que crianças com alto rendimento acadêmico estavam inseridas em famílias mais abertas e envolvidas, a partir de diálogos e regras, e com menos abuso físico. A partir disso, concluíram que os pais possuem destaque na educação da criança, uma vez que são os primeiros a exercerem controle sobre o comportamento da mesma, além de ser de extrema importância que utilizem práticas educativas parentais positivas, como a partir da transmissão de confiança, carinho e amor, colaborando para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais.

Ainda nessa perspectiva comportamental, Pozzobon, Falcke e Marin (2018) desenvolveram e avaliaram uma intervenção no sistema familiar de alunos adolescentes, possuidores de baixo desempenho escolar, matriculados em escolas da rede municipal de ensino fundamental. Assim sendo, concluíram, a partir da análise qualitativa, uma melhora no diálogo e na união familiar, bem como aquisição de comportamentos relacionados a normas, limites e a organização de horários para estudo, além de uma melhora global no desempenho, dados esses, que foram corroborados pela análise quantitativa. Além disso, as autoras destacam a importância de desenvolver intervenções no sistema familiar, para auxiliar os pais a compreenderem a necessidade de fazerem parte do processo de ensino-aprendizagem dos filhos. Esses estudos, que abordam um viés comportamental, ilustram a necessidade de haver um olhar mais centrado no fato de que o suporte familiar pode ser um fator que explica o comportamento da criança, mas não é capaz de controlá-lo e determiná-lo de maneira enfática. Acrescido a isso, é importante reconhecer que a assistência prestada pelos pais tem significado duradouro, uma vez que contribuem para o desenvolvimento e para o bem-estar psicossocial, que se estende para a vida adulta (Figueiredo, Benetti &

Grisard, 2014), demonstrando, assim, como o suporte familiar exerce uma influência e não uma coerção nos filhos.

Essa relação da família com seus filhos, começou a ser analisada a partir da ótica educacional uma vez que, de acordo com Figueiredo, Benetti e Grisard (2014), para as crianças, as relações mais frequentes e imediatas ocorrem nos contextos familiar e escolar, onde grande parte do desenvolvimento infantil acontece. Ademais, segundo Pozzobon, Falcke e Martin (2018), a família é fundamental para os processos de aprendizagem, uma vez que o envolvimento dos pais na educação dos filhos se mostra, a partir de achados de Batista, Mantovani e Nascimento (2015), cada dia mais de extrema relevância para o desempenho escolar, podendo a presença de seu suporte ser responsável por criar um ambiente familiar favorável para a criança, influenciando no sucesso escolar e na aprendizagem. Essas autoras analisaram a percepção de suporte familiar em alunos com histórico de reprovação e, com isso, a partir da conclusão que apontou para baixos níveis de percepção de suporte familiar, concluíram que os papéis da família devem ser repensados, uma vez que tais achados apontam para possível influência da família no desempenho insatisfatório dos alunos investigados.

Os indicadores da importância da família no desenvolvimento da criança, bem como da relação família-criança está sendo analisada a partir do envolvimento do contexto escolar, onde a família é uma influência considerável no desempenho escolar de seus filhos, podem ser percebidos também a partir de estudos como os de Oliveira e Senra (2020), Burgos, Inácio, Oliveira e Baptista (2021) e Osti (2016). Oliveira e Senra (2020), por exemplo, estudaram a violência escolar no período da adolescência e, para isso, realizaram um estudo correlacional entre a violência escolar e o suporte familiar apontando, assim, para a necessidade de manutenção do relacionamento e interação

social agressivos e/ou frágeis do contexto familiar no ambiente escolar, sugerindo programas de intervenção. Diante disso, destacam que altos índices de violência escolar estão vinculados com baixa percepção de suporte familiar, demonstrando a influência familiar em comportamentos negativos e nocivos.

Já Burgos, Inácio, Oliveira e Baptista (2021), também direcionados a ambientes educacionais e mais especificamente ao processo de aprendizagem, investigaram a correlação entre o suporte familiar, as estratégias de aprendizagem e a motivação para aprender, além de verificar se o suporte familiar prevê o uso dessas variáveis psicoeducacionais. Com isso, apontaram que os alunos que recebem suporte familiar tendem a fazer mais uso de estratégias de aprendizagem, que apresentam eficácia, e mais motivação para aprender, reforçando, desta maneira, que a família possui a capacidade de interferir de maneira positiva ou negativa no desempenho escolar de suas crianças. Finalmente, Osti (2016) analisou a relação entre o ambiente familiar, considerando seus recursos materiais e humanos e o desempenho escolar de alunos do ensino fundamental, concluindo, assim, diferenças entre os grupos em relação aos recursos humanos e culturais, assim como na interação familiar e participação na escola. Além disso, a autora afirmou, de forma geral, que crianças com desempenho escolar satisfatório relatam terem tido maior acesso a atividades extracurriculares e maiores oportunidades de interação com seus pais, assim como colocam existir no cotidiano do lar uma rotina pré-determinada para a realização das atividades do dia. Em relação ao grupo com desempenho insatisfatório, este apresentou menores índices de suporte familiar, mostrando a importância da interação familiar para o desempenho escolar.

Apesar da relevância da temática e da presença de investigação dessa relação entre suporte familiar e desempenho escolar, a maioria dos estudos focalizam o baixo

desempenho escolar ou o mau comportamento das crianças e adolescentes, relacionando-o com a falta de suporte familiar. O presente estudo questiona e busca analisar, por outro lado, as relações entre suporte familiar adequado às crianças e o bom desempenho escolar destas, sendo isto, portanto, o que nos leva à necessidade de definir as variáveis em foco: **suporte familiar e desempenho escolar**.

1.1 Suporte familiar

Unificando o papel da família no âmbito social e educacional tem-se o suporte familiar que, de acordo com Burgos, Inácio, Oliveira e Baptista (2021), seria o potencial que a família fornece aos seus filhos por meio de proteção, comunicação, autonomia, respeito, interesse e segurança. Ainda de acordo com essas autoras, tal suporte pode ser considerado como impulsionador da educação, influenciando no desenvolvimento, contexto de aprendizagem e rendimento escolar da criança. Seguindo essa linha de pensamento, Baptista (2009), citado em Pozzobon, Falcke e Marin (2018), afirma que suporte familiar compete ao ambiente que proporciona apoio emocional - que diz respeito à comunicação, regras flexíveis mas com limites claros, liderança democrática, cooperação e incentivo à individualidade, que pode ser percebida pela criança a partir do sentimento de ser valorizado e compreendido - e material entre os indivíduos pertencentes ao sistema, facilitando a segurança, o cuidado e a aprendizagem. Em vista disso, assim como apontam Figueiredo, Benetti e Grisard (2014), a participação da família na vida da criança é fundamental para ela, constituindo um alicerce para sua estabilidade emocional e desempenho de atividades, tanto no lar quanto no ambiente escolar, sendo determinante para seu sucesso ou fracasso, de acordo com Osti (2016).

De forma geral, esses estudos focalizam na influência social, cultural e comportamental do suporte familiar fornecido em determinados ambientes familiares.

As implicações do suporte familiar adequado na escolaridade de crianças e adolescentes, mais especificamente, é enfatizado por D'Avila, Bacarji, Marturano e Elias (2005), citado por Osti (2016), que apresentam três formas de suporte familiar. O primeiro específico para realização escolar, que diz respeito ao envolvimento parental na vida escolar de seus filhos. Tal suporte implica aos pais disponibilizar tempo, espaço e uma rotina doméstica para que os filhos realizem suas tarefas escolares. Adiante, há o suporte ao desenvolvimento, que se refere, entre outros fatores, aos pais priorizarem realizar atividades em conjunto com seus filhos, sendo elas tanto de lazer quanto cotidianas. Finalmente, o suporte emocional se volta para a atenção às relações afetivas da família, sendo de extrema importância para as interações familiares. Desta forma, se faz necessário o equilíbrio entre os três suportes apresentados para que o desenvolvimento cognitivo e desempenho escolar da criança sejam favorecidos.

Diante do exposto, se considerará como suporte familiar relacionado à vida acadêmica das crianças e adolescentes, o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, abrangendo o acompanhamento de suas tarefas de casa - devendo ser disponibilizado tempo, espaço e uma rotina doméstica para a realização das mesmas - interesse pelo seu dia a dia na escola e a busca, em conjunto com o âmbito escolar, da resolução de questões (emocionais, psicológicas, educacionais) que podem vir a aparecer. Outrossim, também se considerará como suporte familiar o fornecimento para as crianças de comunicação, autonomia, regras e liderança democráticas, segurança, interesse, cooperação, compreensão, valorização e carinho.

1.2 Desempenho escolar

Para que seja possível atingir o objetivo do presente trabalho, além da compreensão do suporte familiar direcionado para a vida escolar de crianças e

adolescentes, é necessário compreender como tal suporte influencia e sofre influência do desempenho escolar, requerendo a definição deste conceito.

Adentrando o fator **desempenho escolar**, é válido salientar que diversos fatores podem interferir nessa variável. De acordo com Lima, Carvalho e Silva (2021), as características individuais, do ambiente familiar e do ambiente escolar são consideradas para analisar os impactos da vida estudantil na criança. De maneira conivente a essa ideia, Fernandes, Leme, Elias e Soares (2018) colocam que o desempenho escolar deve ser entendido como um fenômeno multideterminado, influenciado por diversos aspectos, como o contexto familiar e escolar, e fatores socioculturais, institucionais, políticos e econômicos. Assim, tal concepção busca superar a culpabilização dos alunos pelo insucesso escolar.

Tais apontamentos são demonstrados nos estudos de Dias, Oliveira, Moreira e Rocha (2015) e Nunes, Pontes, Silva e Dell’Aglío (2014). Os primeiros avaliaram a relação entre a percepção dos alunos acerca das estratégias de promoção do sucesso educativo e do envolvimento deles com a escola. Os resultados demonstraram correlações estatisticamente significativas entre as diversas dimensões de envolvimento escolar e a percepção dos alunos, em relação ao grau em que as escolas colocam em prática estratégias de promoção do sucesso educacional. Além disso, esses resultados sugerem que uma percepção mais positiva voltada para a adoção de estratégias de promoção do sucesso educacional é encontrada de forma mais pertinente em alunos com níveis mais elevados de envolvimento com a escola. Apesar disso, os autores do estudo afirmam que não é possível estabelecer uma relação de causa e efeito.

Já o estudo de Nunes, Pontes, Silva e Dell’Aglío (2014), investigou as relações entre reprovação escolar, as percepções acerca da escola e as expectativas de futuro. A

partir disso, os autores concluíram que, apesar de quase metade dos participantes já terem sido reprovados, não houve relação entre o número de reprovações e as percepções quanto à escola. Com isso, o estudo inferiu que apesar das repetências, o fato de os alunos permanecerem conectados e positivos em relação ao espaço escolar pode ser compreendido como relacionado a questões sociais, ou seja, dependendo da forma como se constroem essas relações, elas podem se caracterizar como fatores de risco ou proteção, uma vez que estas podem influenciar os processos proximais e a formação de vínculos afetivos.

Por conseguinte, ao compreender de maneira breve os fatores que podem influenciar e interferir no desempenho escolar, é pertinente que essa variável seja definida. Segundo Lima, Carvalho e Silva (2021), a maioria dos estudos brasileiros utilizam as notas de matemática e português, ou os anos de estudos completos para avaliar o desempenho escolar. Nesse mesmo viés, Nogueira, Resende e Viana (2015) colocam o desempenho escolar como o desempenho dos alunos em avaliações escolares e testes de proficiência que objetivam aferir habilidades e competências cognitivas vinculadas aos conteúdos curriculares. Equitativamente, Fernandes, Leme, Elias e Soares (2018) afirmam que o desempenho escolar pode ser entendido como a capacidade que os alunos possuem de expressar sua aprendizagem e seu conhecimento adquirido no processo de ensino-aprendizagem. Isso pode ser demonstrado a partir das respostas que os alunos fornecem em testes e provas que possuem caráter avaliativo, na medida em que os estudantes devem apresentar em suas respostas o que aprenderam nas aulas. Sendo assim, os autores ainda pontuam que um baixo desempenho escolar seria aquele que ocorre quando o aluno apresenta, em notas ou tarefas, um resultado abaixo do nível esperado.

Diante do apresentado, será considerado, de forma primária, como desempenho escolar, as notas avaliativas resultantes de provas, testes e trabalhos que objetivam avaliar o conhecimento do aluno, adquirido durante o processo de ensino-aprendizagem. Acrescido a isso, será considerado como desempenho escolar a participação em sala de aula, a relação do aluno com os professores e colegas, bem como a assiduidade nas aulas.

1.3 Objetivo geral e objetivos específicos

O presente estudo objetiva analisar as possíveis relações entre suporte familiar e bom desempenho escolar. De maneira mais específica, buscou-se:

1. Levantar características do suporte familiar recebido por alunos considerados com bom desempenho escolar;
2. Investigar as concepções de suporte familiar dos pais de alunos com bom desempenho escolar;
3. Identificar características de afetividade nas relações de pais e filhos com bom desempenho escolar;
4. Analisar o acompanhamento escolar pelos pais, cujos filhos apresentam o desempenho escolar esperado, diante da rotina e do processo ensino-aprendizagem, incluindo tarefas escolares, estudo para avaliações, participação em sala de aula e relacionamento com professores e colegas;
5. Investigar a relação entre alunos com bom desempenho escolar e seus pais, enquanto seus incentivadores no processo de aprendizagem;

1.4 Justificativa

Observa-se que a maioria dos estudos relacionados a suporte familiar e desempenho escolar citados busca analisar a relação entre estes a partir de uma ótica em

que, quanto menos suporte familiar, maior a possibilidade de baixo desempenho escolar. Neste estudo, considera-se importante observar e debater essas variáveis em outra direção, a partir da hipótese de que um bom desempenho escolar esteja relacionado com maior/melhor suporte familiar. Ademais, o conceito de suporte familiar ainda é algo pouco explorado dentro da área educacional, sendo necessário que tal conceito seja aplicado cada vez mais ao contexto escolar, além de melhor compreendido do ponto de vista dos pais. Por fim, espera-se que o presente trabalho contribua para a atuação de psicólogos e para outros debates científicos da área de psicologia educacional, através da geração de novos conhecimentos ou da solução de problemas.

2. METODOLOGIA

2.1 Participantes

A amostra do presente estudo contemplou pais de oito alunos que possuem bons desempenhos na escola. Alunos do Ensino Fundamental I, sendo dois do terceiro ano e dois do quinto ano, de duas instituições públicas e duas instituições privadas de grande porte, localizadas na cidade de João Pessoa-PB. No total foram 8 participantes, pais, apontados por cada família (o pai, a mãe ou o responsável, o mais frequente em seu acompanhamento escolar), sendo dois do terceiro ano da instituição pública, dois do quinto ano da instituição pública, dois do terceiro ano da instituição privada e dois do quinto ano da instituição privada.

Foram considerados alunos com “bom desempenho”, inicialmente, aqueles que possuírem aproveitamento de 80%, ou mais, em cada disciplina. Após isso, os professores destes respectivos alunos apontaram os dois alunos que possuem uma melhor participação ativa em sala de aula, assiduidade e uma boa relação com

professores e colegas, contemplando os requisitos para que sejam considerados alunos com bom desempenho escolar.

2.2 Instrumentos

Para a realização do presente estudo, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os pais ou responsáveis. O roteiro é composto de perguntas acerca da conceituação de suporte familiar, tendo como foco os seguintes eixos: relações e posturas, considerando a mediação ensino-aprendizagem, e relação entre pais e filhos; assiduidade e participação em sala de aula; relação de seus filhos com os colegas e educadores. Além disso, há questões relacionadas a dados sociodemográficos como idade, gênero, estado civil, escolaridade, renda, quantas pessoas vivem na casa e ocupação profissional.

2.3 Procedimentos de coleta de dados

Inicialmente, foram selecionadas quatro escolas de grande porte da cidade de João Pessoa, sendo duas públicas e duas particulares. Essas instituições foram contatadas através do e-mail, telefone e/ou presencialmente, objetivando, em primeiro lugar, averiguar a possibilidade de realizar o estudo naquele espaço. Nesse primeiro contato com as instituições foi explicado os objetivos, garantindo o total sigilo sobre o nome das escolas e dos participantes.

Após o contato e possuindo aprovação para a realização das entrevistas, foram agendadas as visitas para a seleção dos alunos e as entrevistas com os pais ou responsáveis, as quais aconteceram no ambiente da escola. A realização das entrevistas foi individual, sendo o dia e a hora de acordo com a conveniência dos participantes, possuindo uma duração média de 30 minutos.

2.4 Procedimento de análise de dados

Os dados foram analisados sob o método de categorização de conteúdo proposto por Bardin (2008), iniciando-se com a transcrição das entrevistas, seguida da realização da leitura flutuante para um primeiro contato com o material de análise e maior familiaridade com os documentos. Posteriormente, foi feita a formulação do corpus de análise das entrevistas, propondo-se as primeiras categorias de análise. Na etapa seguinte, foi realizado o agrupamento de subcategorias similares, definidas as categorias de análise e identificados os eixos característicos nos discursos dos participantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente investigação procurou abranger quatro dimensões de análise concernentes à interface *Suporte Familiar - desempenho escolar positivo*, considerando contextos *familiar* e *escolar*. A primeira dimensão diz respeito à *concepção de 'Suporte Familiar'* elaborada pelos pais de alunos com desempenho escolar considerado favorável. A segunda dimensão abraçou a *participação e acompanhamento dos pais diante da rotina escolar*, sendo considerado o acompanhamento de provas e atividades, a rotina escolar, a rotina de estudos e a relação da criança com a escola, professores e colegas. A terceira dimensão aborda *diálogos, regras e autonomia - de pais para filhos*, trazendo questões sobre os momentos de diálogos e reações diante de situações pontuais, estímulo à autoestima, incentivo à autonomia da criança, rotinas e regras da casa. Finalmente, a quarta dimensão explanou a *relação afetiva entre pais e filhos*, incluindo momentos em família, atividades de lazer e momentos de afeto. Em consonância com características de suporte familiar referendadas na literatura (Burgos, Inácio, Oliveira e Baptista, 2021; Pozzobon, Falcke e Marin, 2018; Osti, 2016;

Figueiredo, Benetti e Grisard, 2014; Baptista. 2009; D’Avila, Bacarji, Marturano e Elias, 2005).

3.1 Dimensão 1: Concepção de Suporte Familiar

Ao definir suporte familiar os genitores consideravam um bom **suporte familiar** aquele que é realizado, majoritariamente, pelos pais, a partir do acompanhamento escolar, incluindo provas, atividades, rendimento acadêmico e interação social. Ademais, a maioria dos pais citou como bom suporte familiar o oferecimento de amor, carinho e atenção a seus filhos, além de estarem presentes no dia a dia na escola, de acordo com os discursos (literais) ilustrados abaixo:

Pa1: “... Seria pais que suprem... acompanham o aluno, né, na questão escolar, vem na escola, procura saber como ele é na escola, acompanha as provas, acompanha as atividades e também estimula.”

Pa3: “Um acompanhamento, né? Tanto relacionado ao rendimento acadêmico... ao rendimento escolar, como também relacionado à interação social.”

Pa2: “Atenção, amor, carinho, né...”

Pa5: “...estar presente no dia a dia...”

Alguns pais colocaram, também, como bom suporte familiar a comunicação com seus filhos, explicando a eles o motivo e a importância do aprender, estabelecendo uma rotina e almejando o equilíbrio entre estudo e lazer:

Pa4: “Então, eu acho que o suporte é isso. Mostrar essa tranquilidade, mostrar a importância do aprender, mostrar também a... a disciplina, o hábito, e que o erro faz parte do aprendizado.”

Pa6: “... precisa também ter um balanço entre o estudo e o lazer, né?”

Tais respostas se alinham com as três formas de suporte familiar, referendadas por D’Avila, Bacarji, Marturano e Elias (2005), citado por Osti (2016), sendo a primeira o envolvimento parental na vida escolar dos filhos, em seguida, a priorização de atividades dos pais em conjunto com seus filhos, tanto de lazer quanto cotidianas, e, por fim, a atenção às relações afetivas da família. Ademais, segundo Burgos, Inácio,

Oliveira e Baptista (2021), suporte familiar seria o potencial que a família fornece aos seus filhos através de proteção, comunicação, autonomia, respeito, interesse e segurança, o que, também, converge com as definições apresentadas pelos pais.

Uma fala em questão merece destaque (**Pa4**), uma vez que enfatiza que ‘o erro faz parte do aprendizado’, assim como aponta Nogaro e Granella (2004), e demonstra o apoio emocional proporcionado pela mãe que, segundo Pozzobon, Falcke e Marin (2018), faz parte de um bom suporte familiar e proporciona o aprendizado. Com a presença do suporte familiar, a criança tende a fazer o uso de estratégias de aprendizagem, que apresentam eficácia, e adquirir mais motivação para aprender, demonstrando a capacidade da família interferir de maneira positiva, ou negativa, no desempenho escolar da criança (Burgos, Inácio, Oliveira e Baptista, 2021).

3.2 Dimensão 2: Participação e acompanhamento escolar dos pais diante da rotina

Nesta dimensão lança-se mais luz sobre um dos componentes do suporte familiar, a **participação e o acompanhamento na rotina escolar de seus filhos**, que estão presentes nas definições elaboradas pelos pais participantes, cujos relatos incluíram o (1) acompanhamento de provas e atividades; o (2) cotidiano na escola; a (3) rotina de estudos; e a (4) conhecimento dos pais em relação às interações da criança na escola.

A categoria de resposta (1) acompanhamento de provas e atividades foi indicada por 75% dos pais entrevistados, ou seja, dos oito pais que participaram da entrevista, seis relataram que acompanham as provas através do boletim e do recebimento das provas avaliativas. Alguns desses pais aprofundam mais tal acompanhamento se informando previamente do cronograma escolar da devolução das avaliações, questionando a criança sobre o recebimento de provas e procurando saber se houve

alguma dificuldade na realização das avaliações:

Pa4: “... pronto, tá em semana de prova, a escola divulga também quando vai ser a devolutiva. Então já adiantando a devolutiva, a gente tendo aquela data, a gente já diz: “Cadê a prova?”; “Recebeu a prova?”, e aí ele entrega, a gente vê... .”

Pa1: “... eu costumo olhar prova por prova, ver as notas... a gente não trabalha lá em casa em cima de notas, mas eu gosto de olhar as notas porque a gente consegue entender onde foi que houve algum... alguma dificuldade.”

Pa3: “E aí eu vou sempre perguntando a ele o que é que ele fez, se teve alguma questão que ele teve dúvidas, se teve algum ponto que ele achou que ficou fragilizado... quando ele me responde que teve, eu boto um vídeo, eu converso sobre...”

Uma mãe enfatizou o acompanhamento das atividades de casa, apontando que sempre realiza tais atividades junto à criança, porém apenas corrigindo algo e tirando dúvidas remanescentes, permitindo o raciocínio da criança diante da atividade:

Pa8: “...eu sempre, assim, fiz atividades junto com elas, mas ao mesmo tempo eu sempre deixei elas pensarem nas respostas, eu nunca dava a resposta. Se fosse pra ajudar, era quando elas realmente não sabiam, então eu tentava dar alguma dica, fazer elas pensarem realmente, mas não dando a resposta.”.

Segundo Nogaro e Granella (2004), a criança deve ser desafiada e estimulada a levantar ideias e hipóteses sobre aquilo que se pretende que ela aprenda. Com isso, o diálogo dos pais com os filhos sobre as avaliações e atividades realizadas, buscando compreender e se aprofundar nas respostas dos filhos, alcançando as dúvidas obtidas no momento da realização da atividade, se torna de extrema importância. As posturas presentes nos discursos dos pais, portanto, podem fomentar o bom desempenho escolar, indicando as características de acompanhamento e suporte como influenciadoras do desempenho dos alunos selecionados.

Outras respostas se encaminharam para um acompanhamento menos ostensivo, sendo dito pelos pais que, eles não acompanham tanto seus filhos, uma vez que os mesmos já possuem certa independência. Apesar disso, esses pais relataram que estão sempre presentes e prontos para fornecer ajuda:

Pa1: *“Hoje eu já acompanho um pouco menos porque ela já é muito independente, mas eu tô sempre ali do lado, né?”*

Pa6: *“...eu não fico tanto no pé de Pedro porque ele é muito auto suficiente, né? Porque lá em casa a gente tem a política de... de... a se cuidarem, né? Mas eu fico sempre perguntando sobre as matérias, se tá com alguma dificuldade... quando ele tá com alguma dificuldade ele vem falar comigo...”*

Discursos que convergem com as falas de Burgos, Inácio, Oliveira e Baptista (2021), os quais afirmaram que quanto melhor a assistência, principalmente no início da escolarização, mais autonomia se construirá, sendo essa autonomia consequência de um bom suporte familiar.

Por fim, verifica-se que o acompanhamento está presente até quando os pais têm tempo exíguo, por meios remotos, e retomados posteriormente de maneira presencial:

Pa7: *“...trabalho no comércio, sou gerente, então eu trabalho o dia todo, e eu acompanho pelo Whatsapp dos professores que enviam a agenda e quando chega à noite eu dou uma olhada nas tarefas dela. Quando ela tem dívida ela fala comigo: “Mãe, esse trabalho, assim, me ajuda.”, e a gente tá sempre nessa comunicação.”.*

Adentrando os relatos sobre o (2) cotidiano na escola, percebe-se que estes se direcionaram, em sua maioria (87,5%), para pais que possuíam o conhecimento do que o filho vinha vivenciando em sala de aula, seja a rotina escolar, seja os conteúdos aprendidos. Tal conhecimento mostrou ter sido adquirido, tanto pelo relato dos filhos em momentos de conversa com seus pais, quanto a partir da participação dos pais nos trabalhos e tarefas de casa da criança:

Pa2: *“Na escola ela... tem o momento de oração ..., às vezes tem uma aula suplementar, que é tipo educação física... aí depois tem a primeira aula, aí depois é a hora do recreio e depois tem mais aula.”*

Pa1: *“...em matemática, que é o que ela mais fala né, ela tá na área da multiplicação, ainda não chegou na divisão. Ciências, ela fez até uma feira de ciências recentemente sobre os animais invertebrados... falando um pouco dessas coisas. História e geografia tá muito similar, né? Eu vi que ela tá vendo sobre moradias, essas coisas assim. Português ...”*

Essas respostas exemplificam a primeira forma de suporte familiar enfatizada

por D'Avila, Bacarji, Marturano e Elias (2005), segundo a qual o envolvimento parental na vida escolar dos filhos é significativo. Desta maneira, os pais que estão cientes das vivências do cotidiano escolar de seus filhos, demonstram um maior suporte familiar compreendendo o que suas crianças estão aprendendo em sala de aula e se fazendo mais presentes nesta rotina.

Em relação à (3) rotina de estudos, todos os relatos, exceto um (87,5%), apontaram para um estabelecimento de horário para os estudos e tarefas de casa, sendo o momento de brincadeira apenas disponibilizado quando finalizar tais responsabilidades:

Pa2: *“De manhã, né, o horário normal de escola ela vem... quando chega em casa ela descansa um pouquinho, faz a tarefa, depois vai brincar, e se tiver que estudar pra prova ela elimina o tempo de brincadeira para estudar.”*

Pa4: *“Quando nós temos essa alternância que estamos em casa, pelo menos um está em casa no contraturno da aula dele, ou seja à tarde, aí sim tem aqueles momentos de: “Pedro, olha, já são três e meia da tarde! Dá uma parada aí, desacelera e é hora de fazer a atividade da escola!”*

Tais apontamentos coincidem com formas de suporte familiar especificadas por D'Avila, Bacarji, Marturano e Elias (2005), as quais colocam envolvimento parental na vida escolar dos filhos, implicando na disponibilização de tempo, espaço e uma rotina doméstica para que as crianças realizem as tarefas escolares, bem como priorizarem realizar atividades em conjunto com seus filhos, incluindo atividades do cotidiano.

Ademais, uma rotina de estudos, sendo ela uma assistência prestada pelos pais, de acordo com Figueiredo, Benetti e Grisard (2014), possui um significado duradouro, pois contribui para o desenvolvimento e bem-estar psicossocial da criança, se estendendo para a vida adulta. Juntamente a isso, Pozzobon, Falcke e Martin (2018) colocam a família como fundamental para os processos de aprendizagem. O envolvimento dos pais na educação dos filhos se apresenta cada vez mais importantes

para o desempenho escolar, influenciando na aprendizagem e sucesso escolar (Batista, Mantovani e Nascimento, 2015), .

Em relação ao (4) conhecimento dos pais sobre as interações da criança na escola, com professores e colegas, foi relatado que seus filhos possuíam boa relação com todos, embora as crianças possuam grupos de colegas prediletos e vivenciem desentendimentos na convivência com alguns colegas e professores, o que consideravam comum à idade:

Pa3: *“Ele gosta bastante da professora. Ele... eu acho engraçado porque desde de pequenininho ele sempre entendeu o papel do professor.”*

Pa4: *“... sempre tem aqueles colegas que são mais próximos, então tem sempre um colega que é aquele... aquele que é um pouco oposto, né, que vive altos e baixos.”*

Pa6: *“... ele é bem participativo, ele ajuda também os colegas, assim, ensinando o que ele sabe, se a pessoa tiver dificuldade ele sempre gosta de ensinar.”*

Os relatos evidenciam o conhecimento dos pais sobre os relacionamentos de seus filhos no ambiente escolar. De acordo com Figueiredo, Benetti e Grisard (2014) a participação da família na vida escolar da criança é fundamental para ela. As relações mais frequentes e imediatas para a criança acontecem nos contextos familiar e escolar, onde boa parte do desenvolvimento infantil ocorre, mostrando a importância da construção de um bom relacionamento no contexto escolar e de como as relações familiares podem se refletir nesta.

Em relação aos desentendimentos na convivência entre os alunos e entre aluno-professor, Wallon (1995, 1998) citado em Corsi (2011) discute o conflito em uma perspectiva diferente da do senso comum, em que os desentendimentos são um movimento constitutivo dos sujeitos e de suas identidades, através da preservação e afirmação do eu, sendo, assim, realidade pertinente para a formação da vida psíquica e social das crianças.

3.3 Dimensão 3: Diálogo, regras e autonomia

Na dimensão em questão, quando se trata de *diálogo, regras e autonomia*, presentes ou não, na relação pais e filhos, os discursos se encaminham para quatro direções relacionadas, são elas: (1) a existência de momentos de diálogos entre crianças e pais; (2) o estímulo à autoestima das crianças; (2) rotinas e regras da casa; e (3) incentivo à autonomia dos filhos.

Os momentos de diálogo entre as crianças e seus pais, dos oito respondentes, sete (87,5%) afirmaram que possuem um bom diálogo com seus filhos e conversam procurando ouvir e compreender o lado deles, explicando o motivo dos acontecimentos, seja devido a realização de alguma prova ou a uma repreensão. Os relatos também demonstraram a tentativa dos pais de, a partir desse diálogo com as crianças, ajudá-las e confortá-las:

Pa1: *“Mas a gente sempre conversa para explicar o motivo daquilo, né? Não existe apenas o ‘não’...”*

Pa3: *“... ‘Teve alguma questão que você teve dúvida?’, ... Do que você teve dúvida?, Que você não entendeu o enunciado...?’...”*

Pa6: *“Tento ver o lado dele e também saber o outro lado, se ele estiver errado aí eu mostro pra ele que ele tá errado, que tem que melhorar.”*

Pa8: *“...você chama a atenção e ela fica na dela e vai pro quarto, às vezes até chora, aí eu falo: ‘Venha cá.’, aí chamo ela pra conversar, explico porque que eu reclamei, porque que eu chamei atenção ...”*

Tais respostas estão em concordância com um estudo de Osti (2016) o qual apontou que, de maneira geral, crianças com um desempenho escolar satisfatório relatam terem tido maiores oportunidades de interação com seus pais, dentre outros fatores. Convergente a isso, Burgos, Inácio, Oliveira e Baptista (2021) afirmam que suporte familiar seria o potencial que a família fornece aos seus filhos por meio da comunicação, proporcionando assim, apoio emocional (Baptista, 2009, citado em

Pozzobon, Falcke e Marin, 2018). Tais achados, juntamente com as colocações dos respondentes, demonstram que o diálogo possibilita novas estratégias de convivência e aprendizagem, constituindo-se como fator de conforto, socialização e desenvolvimento para a criança.

Ainda sobre as respostas citadas, uma mãe acrescentou que agia de forma brava e autoritária com os filhos e que, após eles conversarem com ela solicitando que a mesma permitisse que eles se expressassem e se explicassem, ela mudou sua forma de abordar, colocando um diálogo saudável na relação com eles, de maneira que todos se expressam e se escutam.

Esse apontamento, exemplifica Van Pelt (2012), citado em Oliveira, Casali e Paroschi (2016), o qual afirma que uma comunicação saudável através de diálogos interativos, demonstração de amor de pais para filhos, podem ajudar os pais a conduzirem seus filhos por caminhos promissores. Ao ouvir seu filho e entrar em um acordo com ele, o mesmo se sente escutado e que pode contar com sua mãe para dialogar em outras ocasiões, fazendo com que essa comunicação se torne cada vez mais forte.

Toni e Hecaveí (2014), neste sentido, lembram que a família destaca-se como núcleo primário de desenvolvimento, sobrevivência e socialização, por ser o primeiro contexto a exercer controle sobre a criança, enfatizando a necessidade da atuação familiar.

A maior parte dos pais (87,5%) afirmou que procura elogiar os filhos quando os mesmos tiram notas boas ou acertam algo em algum jogo ou brincadeira, objetivando valorizá-los e incentivá-los:

Pa4: “... eu sou um grande admirador e torcedor do meu filho, isso é um fato! Gosto de enfatizar, sempre valorizando: “Massa, bicho!”; “Coisa boa!”;

“Parabéns!”; “O caminho é esse!”; “Tá certo!”; “Pô, valeu! Show! É isso aí!”.”

Pa8: *“...qualquer conquistazinha a gente elogia e faz aquela festa.”*

Pa7: *“Vibro com ela, né: “Parabéns!”; “Que Deus te abençoe e te capacite cada vez mais!””*

Pa3: *“...quando ele diz que fez ou acertou eu digo: “Ah, muito bem, tô orgulhosa!”...”*

Além disso, dois pais apontaram que buscaram elogiar com cautela para que os filhos não se percebam melhores que os demais, almejando um equilíbrio entre elogios para valorizar as crianças e ensinamentos para que as mesmas compreendam que todos possuem qualidades e dificuldades. O reconhecimento que os pais expressam aos seus filhos pelos seus comportamentos é fundamental para o desenvolvimento da autoestima da criança (Guilhardi, 2002).

As rotinas e regras da casa foram declaradas como bem estabelecidas por todos os participantes, com horários para acordar, para as refeições, para atividades extracurriculares, momentos para se dedicar aos estudos e momentos para brincar:

Pa8: *“Dia de semana ... a maioria das vezes, assiste, antes de fazer as atividades. Aí quando dá mais ou menos umas onze horas, é a hora que elas começam a cuidar pra ir pra escola, que meio dia a gente sai de casa. Onze horas ...”*

Pa7: *“Nos dias de semana eu saio de casa... ela fica dormindo e logo depois ela acorda, toma café, faz as tarefas, minha mãe tá em casa, ... quando a gente chega a gente vai ver as... essa questão das tarefas.”*

Já a rotina dos finais de semana, foi colocada por todos como uma rotina mais descontraída com muitos momentos de descanso e lazer e alguns poucos compromissos, sendo eles fixos ou não.

Em relação às regras, todos os respondentes apresentaram a importância de serem estabelecidas, sendo, inclusive, externado por uma mãe que não há regras consideradas mais importantes que outras, sendo todas pertinentes. Alguns pais, apesar de enfatizarem a importância das regras em geral, elegeram algumas que julgavam mais

pertinentes para o contexto familiar em questão:

Pa5: “...a mais importante... é obedecer os mais velhos, acho que é isso... Não chamar palavrão, essas coisas.”

Pa6: “E a regra, assim, principal é manter as coisas organizadas, a casa é pequena, tem que ficar... tem que ficar limpo, né? E respeito, né, respeitar!”

Pa7: “O celular é regrado o uso... As regras que eu coloquei é a questão de acordar... ela tem... quando elas acordam, elas já botaram isso na rotina delas, elas agradecem a Deus, primeiramente e... tem que tomar banho, tomar café, fazer as tarefas. E o foco é essa questão que eu disse a ela, que eu tinha te falado, né, elas tem o tempo delas de brincar, mas também tem o tempo de estudar.”

A importância dada às regras está alinhada com Baptista (2009), citado em Pozzobon, Falcke e Marin (2018), o qual aponta que o suporte familiar envolve regras flexíveis, mas com limites claros e liderança democrática. Osti (2016) coloca, ainda, a relevância de se incluir atividades extracurriculares, oportunidades de interação entre pais e filhos e uma rotina pré-determinada para a realização das atividades do dia. Assim sendo, ao inserir uma rotina no dia a dia, oferecer mais oportunidades de interação com os filhos e liderar de forma democrática, a partir de regras flexíveis, caracterizam a postura dos participantes como ofertando bom suporte familiar aos seus filhos.

No que concerne ao incentivo à autonomia dos filhos, a maioria, com apenas uma exceção, evidenciaram pais que permitem que os filhos tomem muitas decisões e realizem diversas tarefas sozinhos, apenas com uma pequena interferência dos adultos quando julgarem necessário. Tal interferência, segundo os pais, se apresenta em opções para a criança escolher, ajudas para a segurança da criança e correções quando cabíveis:

Pa3: “Fazer só... sozinho entre aspas, na cozinha eu deixo ele fazer o ovo, mas eu fico por perto né, que eu fico sentada na mesa, mas eu fico de olho, ele nunca fica solto. Mas toma banho, se arruma, escolhe a roupa...”

Pa4: “Às vezes a gente tem que fazer interferência: “Pedro, não cabe.”, né? Mas, assim... acho que isso de se vestir ele tem autonomia, o que que ele quer escolher.”

Pa6: “...eu não ajudo, eu dou só informação, explico como deve ser feito, vou lá

corrijo, mas não... não faço por ele.”

Pa8: *“Uma roupa pra vestir, ..., quase sempre ela vai com o que ela quer... pra levar lanche pra escola também, eu sempre pergunto o que ela quer. Pra comer, às vezes uma comida diferente, também a gente pergunta.”*

Destes respondentes, vale destacar uma fala em que a mãe revelou que permite que a filha faça o máximo de coisas sozinha, de acordo com a idade e habilidades dela, procurando sempre estimulá-la a pensar e arquitetar como ela poderá realizar aquela tarefa sozinha, elaborando as opções e caminhos para alcançar o objetivo, ou seja, a realização de uma tarefa ou uma tomada de decisão:

Pa1: *“...ela toma banho, ela arruma o quarto, estuda sozinha, às vezes ela já faz o próprio café da manhã... eu deixo ela fazer o máximo de coisas sozinha. ... Às vezes ela pega e me ajuda e eu digo assim: “Qual é a solução aí para esse problema? Vamos lá, vamos pensar!”.*

Tais respostas estão em consonância com uma conduta parental considerada positiva e protetora do desenvolvimento da criança, segundo Conte (2001) citado em Mondin (2008). Essa conduta incentiva o desenvolvimento da autonomia e demonstra como esta leva à capacidade de fazer escolhas e de promover a autodireção. Ao incentivar a autonomia, os pais os ajudam a se tornarem indivíduos capazes de fazer escolhas e julgar o que é melhor para eles, se tornando cada vez mais autossuficientes e independentes.

3.4 Dimensão 4: Relação afetiva entre pais e filhos

Nessa dimensão, buscou-se acessar a *relação afetiva entre pais e filhos* a partir do relato dos primeiros, bem como os esforços empreendidos com intuito de estreitar as relações. Os discursos, neste sentido, se encaminharam para três direções diferentes: (1) atividades de lazer; a (2) momentos de carinho; e a (3) interações familiares.

Dessa maneira, em relação à inclusão de (1) atividades de lazer, todos os respondentes trouxeram a insistente tentativa de, aos finais de semana, realizar saídas

para comer fora e visitar amigos e familiares, sempre que possível realizar viagens para fazerem algo diferente, que fuja da rotina, além de procurarem ter momentos de qualidade com seus filhos:

Pa1: “...a gente tem momentos de menina... um dia desses ela queria tomar café ali na ‘Café com Brownie’ só nós duas... e a gente conversa...”

Pa8: “A gente costuma sair... né, pra... ou pra praia ou piscina, ou parque.”

Pa7: “A gente sai pra lanchar quando sai da igreja. ... viajar. ... E quando a gente não viaja assim, a gente fica mais... o nosso lazer é caminhar, a gente vai pra praia caminhar, ou se não vai pra praia passar o dia, pra bica, coisas assim. Shopping, que ela gosta de shopping...”

É válido destacar um relato em particular, em que os pais, além de buscarem sempre sair aos finais de semana com o filho para se divertirem, estão sempre procurando transformar a rotina e os compromissos dos finais de semana do filho em lazer, se fazendo presentes, se envolvendo e participando:

Pa6: “Ah, a gente tem vários, né? Tem... ele é escoteiro, né, aí todo sábado a gente leva ele pro escoteiro, e a gente tá se envolvendo mais, ... E sempre que dá eu levo à praia...assim, às vezes não tem grana pra coisas, assim, mais caras... Mas quando aparece alguma coisa interessante que dá pra ele participar, alguma coisa no Espaço Cultural... ... sempre damos um jeito. Leva ele na pracinha pra comer um cachorro-quente... faz o que é possível pra ele se divertir.”

Estas respostas convergem com a segunda forma de suporte familiar explicada por D’Avila, Bacarji, Marturano e Elias, citado por Osti (2016), que coloca que o suporte familiar consiste em os pais priorizarem realizar atividades em conjunto com seus filhos, sendo elas tanto de lazer quanto cotidianas. Ao priorizarem os tempos livres com seus filhos e, mais especificamente o último respondente, buscar transformar compromissos em momentos de lazer e tempo de qualidade, os pais estão de acordo com um bom suporte familiar, fornecendo um bom desenvolvimento para seus filhos.

Adentrando as revelações dos (2) momentos de carinho entre as crianças e seus pais, todos os pais respondentes apontaram que os momentos de carinho com seus filhos

estão presentes e constantes, havendo bastante contato físico e trocas de palavras de afeto:

Pa1: *“E a gente tem momentos de chamego: “Mamãe, quero ficar aqui no sofá, na cama só agarradinha contigo assim.”. ... A gente tem uma relação muito boa de verdade!”*

Pa3: *“Eles são bem carinhosos, constantemente a gente tá dando abraço, beijo, tendo esse contato físico...”*

Pa7: *“...eu chego, ela corre e me abraça, me beija: “Te amo, te amo, te amo...!”, me arrocha bem muito.”*

Assim sendo, de acordo com Cunha (2008) o afeto medeia os registros das informações e as transforma em conhecimento, favorece a lembrança dos registros e estimula a conexão dos neurônios que criam registros. Aumentando o número de registros, aumenta-se o conhecimento adquirido. Ademais, D'Avila, Bacarji, Marturano e Elias, citado por Osti (2016), colocam a importância das relações afetivas para as interações familiares. Com isso, os momentos de carinho destas famílias mostram essa afetividade, que podem trazer diversos benefícios para a criança, tanto pessoais e familiares - melhorando as interações familiares -, como no quesito aprendizagem - estimulando conexões neuronais.

Consequente, em relação às (3) interações familiares, as respostas ficaram divididas entre encontros com outros membros da família fora do núcleo e - quando esses encontros com outros parentes não acontecem - momentos em família com o núcleo familiar. As falas que mostraram o encontro da criança com outros membros da família para além do núcleo familiar, expressam que há um esforço dos pais para que a criança encontre os parentes com uma certa constância, inclusive parentes que moram um pouco mais distante, fazendo com que os filhos estejam sempre buscando manter o contato via ligação e/ou internet:

Pa6: *“Quem a gente vê mais mesmo é... é a avó dele, meu cunhado, minha sobrinha, né, a família mas de primeiro grau, né? Mas toda semana vê, vai na*

casa da avó, uma ou duas vezes na semana, vê os tios... tá sempre em contato. A família que mora longe, manda mensagem, fala no telefone..."

Pa8: *"...e quando não sai, tá em casa mesmo. É muito constante, assim, a gente reúne família, eu, o pai, ela, os irmãos. A gente assiste um filme, a gente brinca, assim, de qualquer jogo em casa, um dominó, uno também, a gente tem esse momento assim em família."*

Tais respostas permitem uma reflexão relacionada à Oliveira e Senra (2020), que afirmam que a família é vista, do ponto de vista social, como a principal responsável por transmitir valores, crenças, ideias e significados que se apresentam na sociedade, além de relevantes para explicar os comportamentos apresentados por suas crianças. Desta forma, a convivência familiar mostra-se importante para que a criança estabeleça seus valores e construa seu primeiro ciclo de socialização, a preparando para um mundo de possibilidades de relacionamentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar as possíveis relações entre suporte familiar e bom desempenho escolar, a partir de entrevistas realizadas com oito professores e oito pais de alunos considerados com bom desempenho escolar. A análise demonstrou que a concepção de suporte familiar dos respondentes está de acordo com a da literatura analisada, bem como sua importância para o desempenho escolar das crianças.

Os apontamentos e percepções da maioria dos respondentes trouxeram à luz características de suporte familiar, em consonância com a literatura analisada. As características identificadas em maior grau pelos pais foram: o envolvimento dos mesmos na vida escolar de seus filhos - sendo percebido o acompanhamento das tarefas de casa, disponibilização de tempo, espaço e uma rotina doméstica para a realização das mesmas ; busca da resolução de questões psicológicas, educacionais e emocionais a partir do diálogo, apresentando uma boa comunicação; regras e liderança democrática, a

partir da inserção destas regras na rotina e de uma relação de hierarquia respeitosa e ouvinte por parte dos pais; e compreensão, valorização e carinho, identificados nos momentos de conversa, bastantes presentes, no incentivo a autoestima e autonomia e nos momentos de lazer e tempos de qualidade.

Intercruzando os relatos dos participantes com a literatura exposta, o suporte familiar se encontra bastante presente no cotidiano dessas crianças, explicitando os pais como grandes incentivadores de seus filhos no processo de aprendizagem, influenciando assim, em seus desempenhos escolares.

Algumas divergências encontradas podem ser justificadas pelos achados nos dados sociodemográficos, como as em relação a escolas públicas e particulares e, conseqüentemente, baixa renda. Os pais que relataram que realizam um acompanhamento online são pais de crianças que estudam em escola pública e possuem baixa renda. Afirmaram ainda, que por causa do trabalho, e em alguns relatos trabalho aos sábados, não há outra forma de acompanhamento senão o online. Outra divergência, que se estendeu durante todo o relato de um pai, trouxe pontuações relacionadas a um viés comportamental, exercendo mais controle e praticando uma liderança menos democrática em relação aos demais pais.

A partir dos achados, sugere-se estudos futuros ampliando o número de estudantes selecionados, objetivando ampliar a amostra e ter correlações significativas a partir dos relatos e dos dados demográficos. Ademais, sugere-se que sejam realizadas, também, entrevistas com os educadores das crianças cujo desempenho escolar é considerado favorável, relacionando tais relatos com os relatos dos pais, aprofundando a análise e trazendo informações relevantes ao tema. Por fim, sugere-se implementar entrevistas com mais de um responsável pela criança, compreendendo mais formas de

suporte familiar fornecidos ao aluno.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, E. C., Ferreira, D. F., & Siqueira, A. C. (2013). Percepção de suporte familiar e violência na escola: um estudo com pais e/ou responsáveis por alunos infratores. *Faculdade de Rolim de Moura - FAROL*. Rolim de Moura - RO, p. 70-81.
- Batista, E. C., Mantovani, L. K. S., & Nascimento, A. B. (2015). Percepção de suporte familiar de alunos com histórico de reprovação escolar. *Debates em Educação*, 7(13), p. 50.
- Burgos, M. N., Inácio, A. L. M., Oliveira, K. L., & Baptista, M. N. (2021). Suporte familiar como possível preditor das estratégias e da motivação para aprender. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25.
- Corsi, B. R. (2011). Relações e conflitos entre crianças na Educação Infantil: o que elas pensam e falam sobre isso. *Educar em Revista*. Curitiba - UFPR, (42), p. 279-296.
- Cunha, E. (2008). *Afeto e aprendizagem: Relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak editora.
- Dias, A., Oliveira, J. T., Moreira, P. A. S., & Rocha, L. (2015). Percepção dos alunos acerca das estratégias de promoção do sucesso educativo e envolvimento com a escola. *Estudos de Psicologia*. Campinas - SP, 32(2), p. 187-199.
- Fernandes, L. M., Leme, V. B. R., Elias, L. C. S., & Soares, A. B. (2018). Preditores do desempenho escolar ao final do ensino fundamental: histórico de reprovação, habilidades sociais e apoio social. *Temas em Psicologia*, 26(1), p. 215-228.
- Figueiredo, O., Benetti, I. C., & Grisard, E. (2014). Redes de apoio: estado, família e escola como contextos promotores de aprendizagem e desenvolvimento. *Roteiro, Joaçada*, 39(1), p. 241-260.
- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. *Instituto por contingências de reforçamento*, p. 63-98.
- Lima, L. E., Carvalho, A. A., & Silva, D. B. N. (2021). Arranjos familiares e desempenho escolar de alunos do 5 e 9 ano no Brasil em 2015. *Revista Brasileira de Estudo de População*, 38, p. 1-23.
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia argumento*, 26(54), p. 233-244.
- Nogaro, A. & Granella, E. (2004). O erro no processo de ensino e aprendizagem. *Revista de Ciências Humanas*, 5(5), p. 31-56

- Nogueira, C. M. M., Resende, T. F., & Viana, M. J. B. (2015). Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar e desempenho escolar. *Revista Brasileira de Educação*, 20(62), p. 749-772.
- Nunes, T. G. H., Pontes, F. A. R., Silva, L. I. C., & Dell’Aglia, D. D. (2014). Fatores de risco e proteção na escola: reprovação e expectativas de futuro de jovens paraenses. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(2), p.
- Oliveira, D. R., & Senra, L. X. (2020). Desenvolvimento sociocognitivo, suporte familiar e social em adolescentes: reflexões para a compreensão da violência escolar. *Universidade Católica de Petrópolis*. Petrópolis - RJ, 21(1).
- Oliveira, F. H., Casali, I. G., & Paroschi, E. E. S. (2016). A importância do diálogo na mudança de comportamento adolescente. *Família em Foco*. Engenheiro Coelho - SP.
- Osti, A. (2016). Contexto familiar e o desempenho de estudantes de uma escola no interior de São Paulo. *Educação Temática Digital*, 18(2), p. 369-383.
- Pozzobon, M., Falcke, D., & Marin, A. H. (2018). Intervenção com famílias de alunos com baixo desempenho escolar. *Ciências Psicológicas*, 18(1), p. 87-96.
- Toni, C. G. S., & Hecaveí, V. A. (2014). Relações entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças. *Psico-USF*, 19(3), p. 511-521.
- Zuanon, A.C. A. (2006). O processo de ensino-aprendizagem na perspectiva das relações entre: professor-aluno, aluno-conteúdo e aluno-aluno. *Revista Ponto de Vista*, 3(1), p. 13-24.

ANEXO**ROTEIRO DE ENTREVISTA - PAIS DOS ALUNOS COM BOM DESEMPENHO ESCOLAR**

Idade: ☐ 18-30 anos ☐ 31-40 anos ☐ 41-50 anos ☐ 51-60 anos

Gênero: ☐ Masculino ☐ Feminino

Escolaridade: ☐ Graduação ☐ Especialização ☐ Mestrado ☐ Doutorado

Estado civil: ☐ Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ Outro

Escolaridade: ☐ Básico ☐ Graduação ☐ Especialização ☐ Mestrado ☐ Doutorado

Quantas pessoas vivem em sua casa? _____

Qual sua ocupação? _____

Renda mensal familiar:

☐ Entre R\$1000,00 e R\$3000,00 ☐ Entre R\$3000,00 e R\$5000,00

☐ Entre R\$5000,00 e R\$7000,00 ☐ Entre R\$7000,00 e R\$9000,00

☐ A partir de R\$10000,00

1. O que você consideraria um bom suporte familiar para a criança em idade escolar?
2. Como você acompanha as tarefas escolares e os estudos do seu filho?
3. Você acompanha as notas escolares de seu filho?

De acordo com a resposta: De que forma?

4. Poderia descrever a rotina escolar de seu filho na escola?

Depois da resposta: E a rotina relacionada à educação em casa?

5. Você saberia dizer sobre o que o seu filho vem aprendendo em sala de aula?
6. Como, geralmente, seu filho se comporta em sala de aula?

De acordo com a resposta: E ele participa em sala?

7. Você saberia descrever a relação do seu filho com os professores?

Depois da resposta: E com os colegas?

8. Seu filho já foi chamado a atenção na escola?

De acordo com a resposta: Se sim, como vocês reagem com relação à escola?

De acordo com a resposta: E com relação a seu filho?

9. Como vocês reagem quando seu filho tira notas baixas?

10. Como vocês reagem quando seu filho fica frustrado e/ou estressado?

11. Nos momentos em que você repreende seu filho, como ele reage?

12. Você costuma fazer ou dizer algo quando seu filho tira notas boas ou acerta algo em um jogo ou brincadeira?

De acordo com a resposta: Poderia exemplificar uma das maneiras?

13. Você costuma dialogar com seu filho quando ele não aceita alguma regra?

De acordo com a resposta: O que você costuma dizer?

14. Você tem momentos de lazer com seu filho?

De acordo com a resposta: Se sim, poderia exemplificar esses momentos e quando eles ocorrem? (Vocês têm conversas casuais, brincam juntos, saem juntos...?)

15. Vocês costumam encontrar outros familiares?

De acordo com a resposta: Com que frequência?

16. Como você descreveria os momentos mais afetuosos com seu filho? (Como são os momentos de trocas de carinho entre vocês?)

17. Poderia descrever a rotina de seu filho em casa? Nos dias de semana e depois, se possível, nos finais de semana.

18. Vocês estabelecem regras em sua casa?

De acordo com a resposta: Poderia citar as que considera mais importantes?

19. Seu filho costuma ajudar nas tarefas domésticas e em outros afazeres?

De acordo com a resposta: Como quais?

20. O que você deixa seu filho fazer sozinho?

21. Quais decisões você permite que seu filho tome sozinho?